



Mídia e opressão: análise das consequências da violência midiática¹

Luiza Bernardi VAZ²

Vanessa Luiza de WALLAU³

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG

1 Introdução

A violência está cada vez mais presente na sociedade contemporânea, manifestando-se também nos meios de comunicação. Nesse contexto, a mídia exerce certa influência sobre a percepção e a interpretação que os indivíduos têm. A violência midiática é resultado da exposição constante a conteúdos que naturalizam a agressividade e banalizam o sofrimento alheio.

Pierre Bourdieu, em sua obra *Sobre a Televisão* (1997), contribuiu para a compreensão desse fenômeno ao desenvolver o conceito de *violência simbólica*, que se manifesta por meio da imposição de valores e perspectivas dominantes. Segundo o autor, a busca por audiência leva a televisão, e por consequência parte da imprensa, a reproduzir discursos e práticas que reforçam estereótipos, preconceitos e formas de dominação cultural.

Um exemplo desse fenômeno é o caso de Isabela Tibcherani, que presenciou um triplo homicídio em frente a sua casa. As vidas de Rafael Miguel, namorado de Isabela e João Alcísio e Miriam Selma, pais de Rafael, foram ceifadas no dia 9 de junho de 2019. Paulo Cupertino, pai de Isabela, atirou 13 vezes contra o trio. Devido à gravidade do fato, a tragédia se tornou pauta em questão de minutos, resultando na veiculação de notícias que continham informações incorretas sobre o fato, devido à falta de apuração. Isabela e sua mãe, Roseli Tibcherani, sofrem as consequências dos fatos equivocados até hoje.

¹ Resumo expandido apresentado no GT Pesquisa na Graduação, no VIII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejor Sul).

² Acadêmica do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). Temas de pesquisa: violência midiática, mediação e recepção, modernidade líquida. E-mail: lbvaz@minha.fag.edu.br.

³ Professora Orientadora. Docente do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). E-mail: vanessaluiza@fag.edu.br.



O presente estudo tem como objetivo principal investigar como a mídia pode burlar a ética profissional em busca de audiência. Conforme as orientações metodológicas de Gil (2007), por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, aliada à análise de dados qualitativos de obras e artigos científicos, aborda-se o conceito de violência midiática e suas implicações na sociedade.

2 Fundamentação Teórica

O conceito de violência midiática se consolidou a partir da metade do século XX, quando os pesquisadores começaram a se aprofundar nos estudos sobre os efeitos da mídia na formação de comportamentos e percepções sociais. Nas décadas de 70 e 80, a comunicação e a sociologia passaram a fazer parte dos estudos, abordando a naturalização da violência devido ao consumo exacerbado de conteúdos agressivos.

Na obra de Bourdieu, *Sobre a televisão (1997)*, é possível perceber que havia grande preocupação com o poder que a mídia tinha sobre a sociedade. Para ele, “a televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população” (Bourdieu, 1997, p. 22).

O autor afirma que a mídia é manipulada e aborda as censuras veladas e pressões econômicas que acometem os meios de comunicação. Todavia, de acordo com sua teoria, somente esses fatores não são capazes de explicar como o conteúdo televisivo é produzido e controlado.

Pode-se pensar também nas censuras econômicas. É verdade que, em última instância, pode-se dizer que o que se exerce sobre a televisão é a pressão econômica. Dito isto, não podemos nos contentar em dizer que o que se passa na televisão é determinado pelas pessoas que a possuem, pelos anunciantes que pagam publicidade, pelo Estado que dá subvenções, e se soubéssemos, sobre uma emissora de televisão, apenas o nome do proprietário, a parcela dos diferentes anunciantes no orçamento e o montante das subvenções, não compreenderemos grande coisa (Bourdieu, 1997, p.20).

O sociólogo francês aponta a mídia como formadora de caráter social, mostrando que os jornalistas têm influência sobre a formação de opinião de seus leitores/telespectadores. Ele declara que a obra tem como intuito alertar os profissionais,



para que os jornalistas cumpram seu papel social sem serem opressores devido a pressão econômica e a censura velada.

Espero que possam contribuir para dar ferramentas ou armas a todos aqueles que, enquanto profissionais da imagem, lutam para que o que poderia ter se tornado um extraordinário instrumento de democracia direta não se converta em instrumento de opressão simbólica (Bourdieu, 1997, p.13).

Em se tratando de mídia, faz-se necessário pesquisar para além da mensagem. Ao discutir as relações entre mídia, tecnologia e cultura, Martín-Barbero (1997) propõe que a comunicação deve ser compreendida a partir das mediações sociais e não apenas dos meios técnicos. Lopes (2014), pesquisadora brasileira, reforça e atualiza as teorias de Barbero (1997). Em *Mediação e recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação* (2014), ela reforça a importância dos estudos sobre mediações. Segundo a pesquisadora, “a mediação deve ser entendida como o processo estruturante que configura e reconfigura tanto a lógica da produção quanto a lógica dos usos” (Lopes, 2014, p. 71).

A autora enfatiza que a produção e a reprodução de sentido na mídia devem ser compreendidas dentro de um contexto social, no qual os discursos midiáticos atuam na legitimação ou contestação de determinadas ideologias. Esse ponto de vista compreende a comunicação como um espaço de disputa por poder, no qual as mensagens não são neutras e influenciam na percepção social da realidade. Lopes (2014) também alerta sobre os impactos da tecnologia digital no processo de mediação:

A tecnologia digital desloca os saberes modificando tanto o estatuto cognitivo como institucional das condições do saber, conduzindo a um forte borramento das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, arte e ciência, saber especializado e conhecimento comum (Lopes, 2014, p. 73).

Tendo em vista o mundo globalizado em que vivemos e o conceito de modernidade líquida, desenvolvido pelo sociólogo Zygmunt Bauman (2001), pode-se complementar que o público sempre estará procurando por agilidade e novidade. Ou seja, vence em audiência o veículo de informação que transmite mais notícias inéditas em tempo real. Para atender a essa necessidade, muitas vezes o processo de apuração da informação, que deve ser minucioso e responsável, é quase completamente ignorado.



Para ser o primeiro a ver e a fazer ver alguma coisa, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando a deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente dos outros, acaba-se por fazerem todos a mesma coisa, e a busca da exclusividade, que, em outros campos, produz a originalidade, a singularidade, resulta aqui na uniformização e banalização (Bourdieu, 1997, p. 27).

Desse modo, Bourdieu (1997) explica como a ânsia pelo furo de reportagem pode resultar na banalização do sentimento humano. Na busca incessante pela matéria de capa perfeita, o profissional ignora o estado emocional da fonte, preocupando-se apenas com a agilidade em que vai publicar a informação. A agilidade afeta a apuração, resultando em matérias sanguinárias que acumulam audiência, mas que provêm de informações mal apuradas e podem custar a vida dos personagens envolvidos.

No caso de Isabela, anteriormente relatado, diversos veículos de comunicação estamparam o sobrenome Cupertino em suas manchetes. Além disso, distorceram seus pronunciamentos, insinuando que ela teria sido cúmplice do pai no caso de triplo homicídio. A jovem, que sofreu violência emocional nas mãos do genitor, tentava reconstruir sua vida após o caso, mas o sobrenome Cupertino, aliado à retratação subjetiva do fato por parte da mídia, ameaçava qualquer oportunidade que ela pudesse ter. O sobrenome precisou ser substituído por Tibcherani, para que a jovem tivesse a oportunidade de construir uma vida digna.

Há violência implícita também quando a TV, por meio de seus programas, omite fatos jornalísticos relevantes ou veicula acusações falsas ou sem provas contra determinadas pessoas, instituições, entidades ou empresas sem lhes dar nenhum direito de resposta (Medeiros, 2010, p.21).

Medeiros (2010) procura explicar como a mídia de massa pode influenciar na banalização do sentimento humano, por meio de exibições constantes de imagens violentas. Além disso, ele se aprofunda em tipos de violência que estão surgindo, ou se modificando, devido ao surgimento da tecnologia e a mudança de comportamento da sociedade perante essa evolução.

3 Conclusão



A análise dos conceitos apresentados por autores como Pierre Bordieu (1997), Jesús Martín-Barbero (1997), Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2014), Zygmunt Bauman (2001) e Magno Medeiros (2010) deixa claro que a violência midiática é um fenômeno complexo. Trata-se de uma forma de opressão que atua na formação das percepções sociais e na legitimação de práticas discriminatórias.

O caso de Isabela Tibcherani exemplifica as consequências da violência midiática, revelando como a busca por audiência pode driblar a ética profissional e violar direitos fundamentais. Diante disso, conclui-se que o Jornalismo deve ser praticado com ética e responsabilidade social, a fim de garantir que a mídia cumpra o seu papel social.



Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Mediação e recepção**: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *MATRIZES*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 65-80, jan./jun. 2014.

MEDEIROS, Magno. Violência da mídia, tecnorracionalismo e cidadania. **Comunicação e Informação**, Goiânia, Goiás, v. 12, n. 1, p. 16-26, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 360 p.